As cores de Mateus

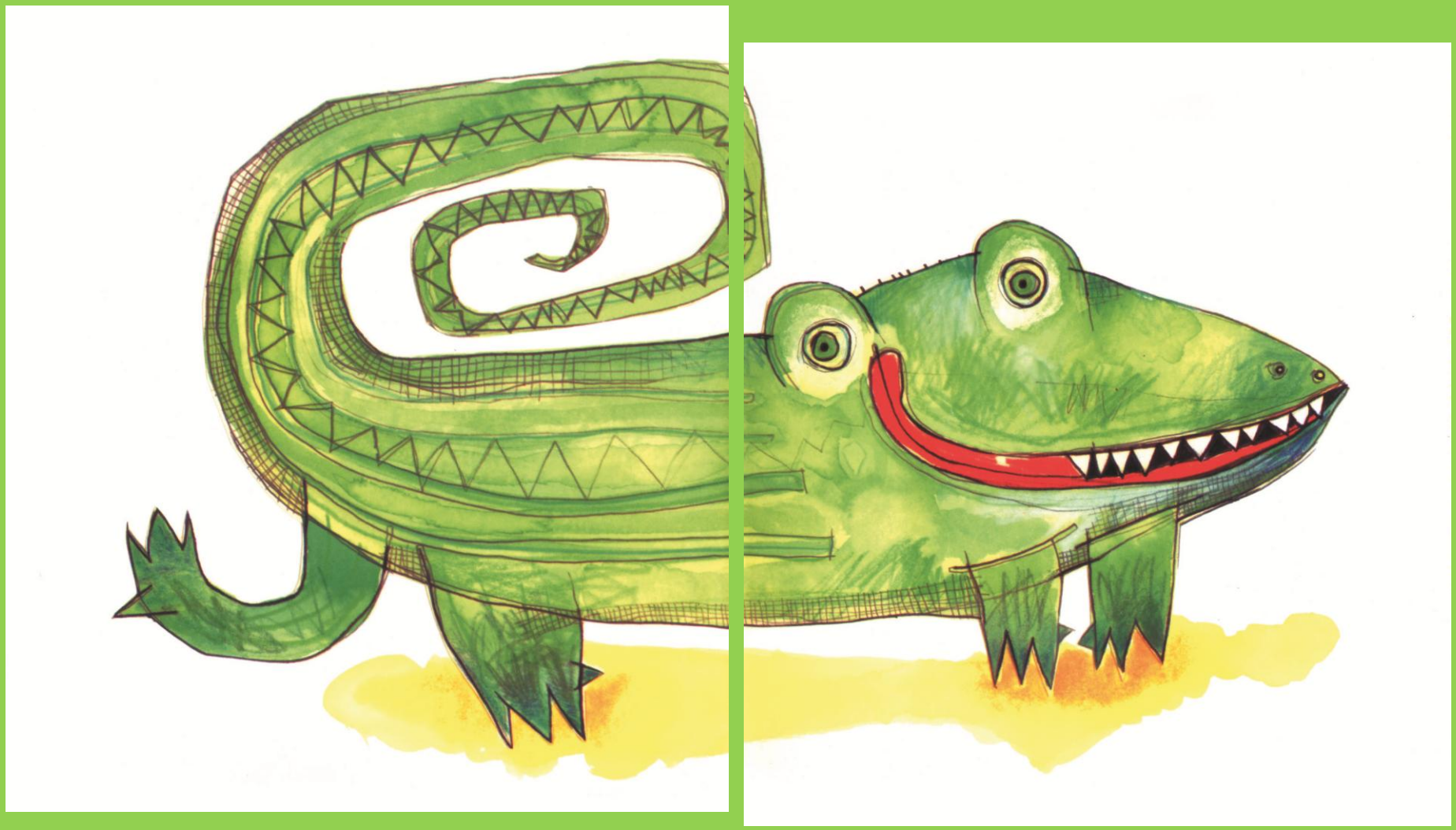
Mateus é um menino de cor.



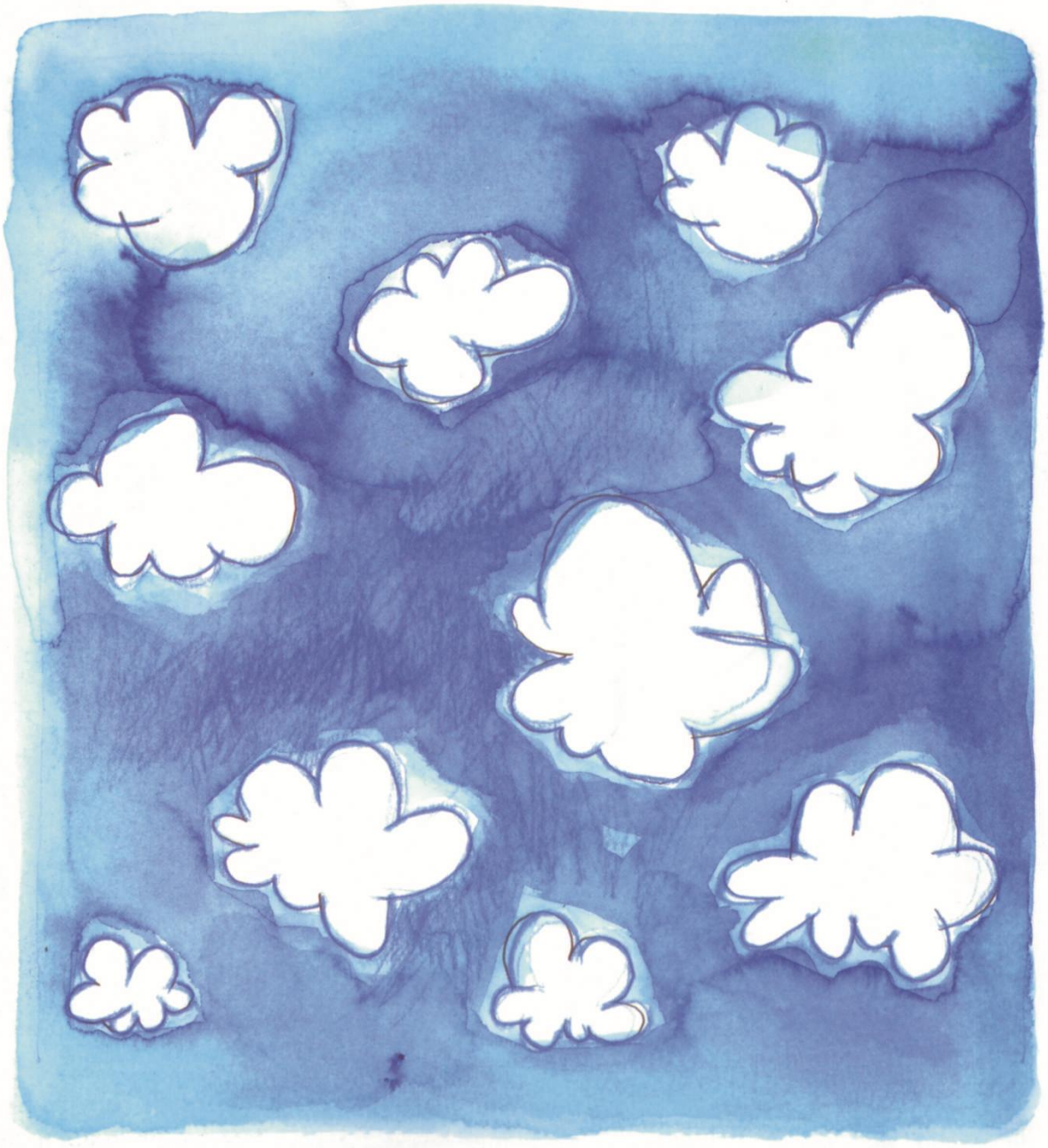
Mas não é de cor vermelha…



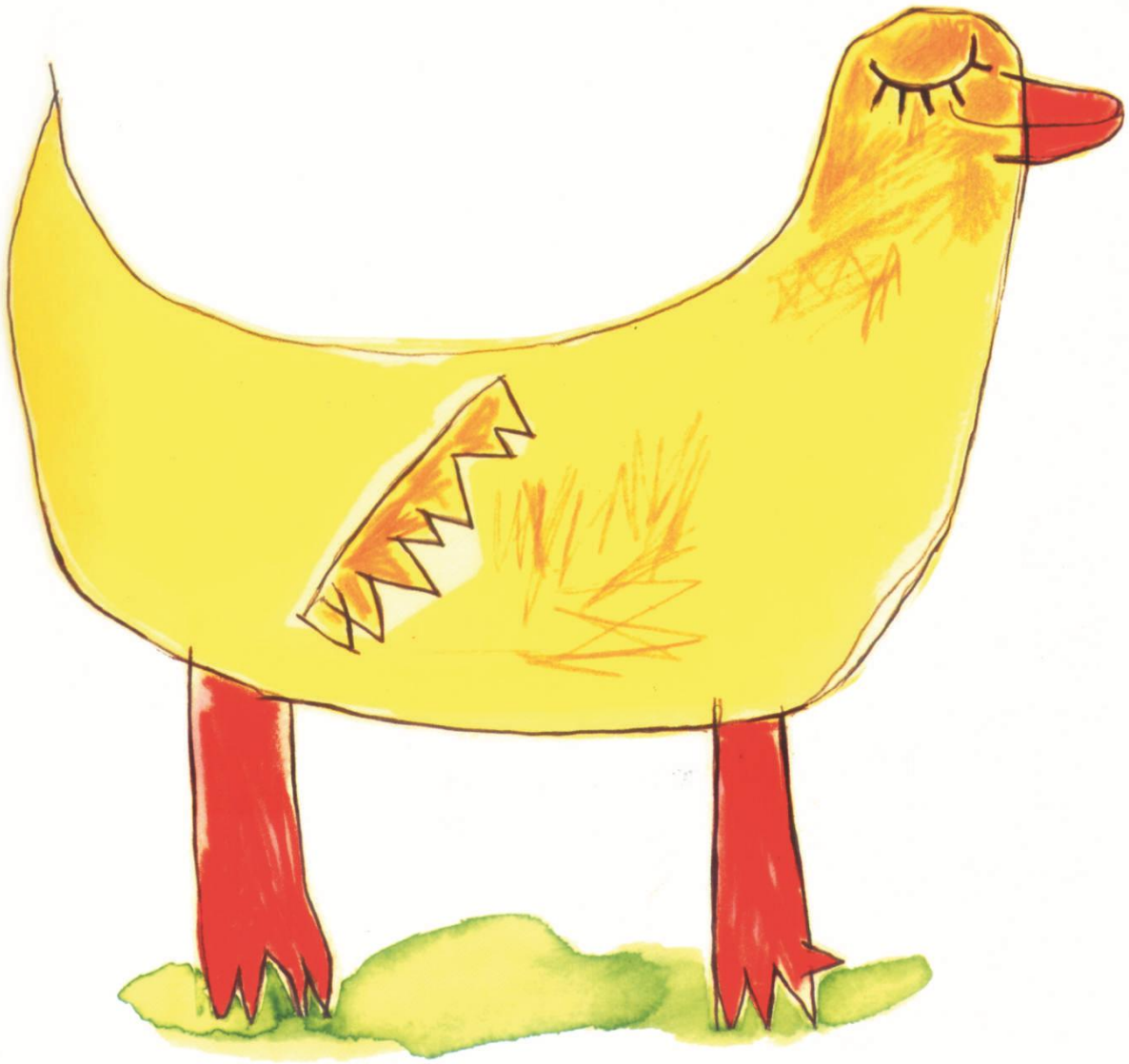
Nem verde…



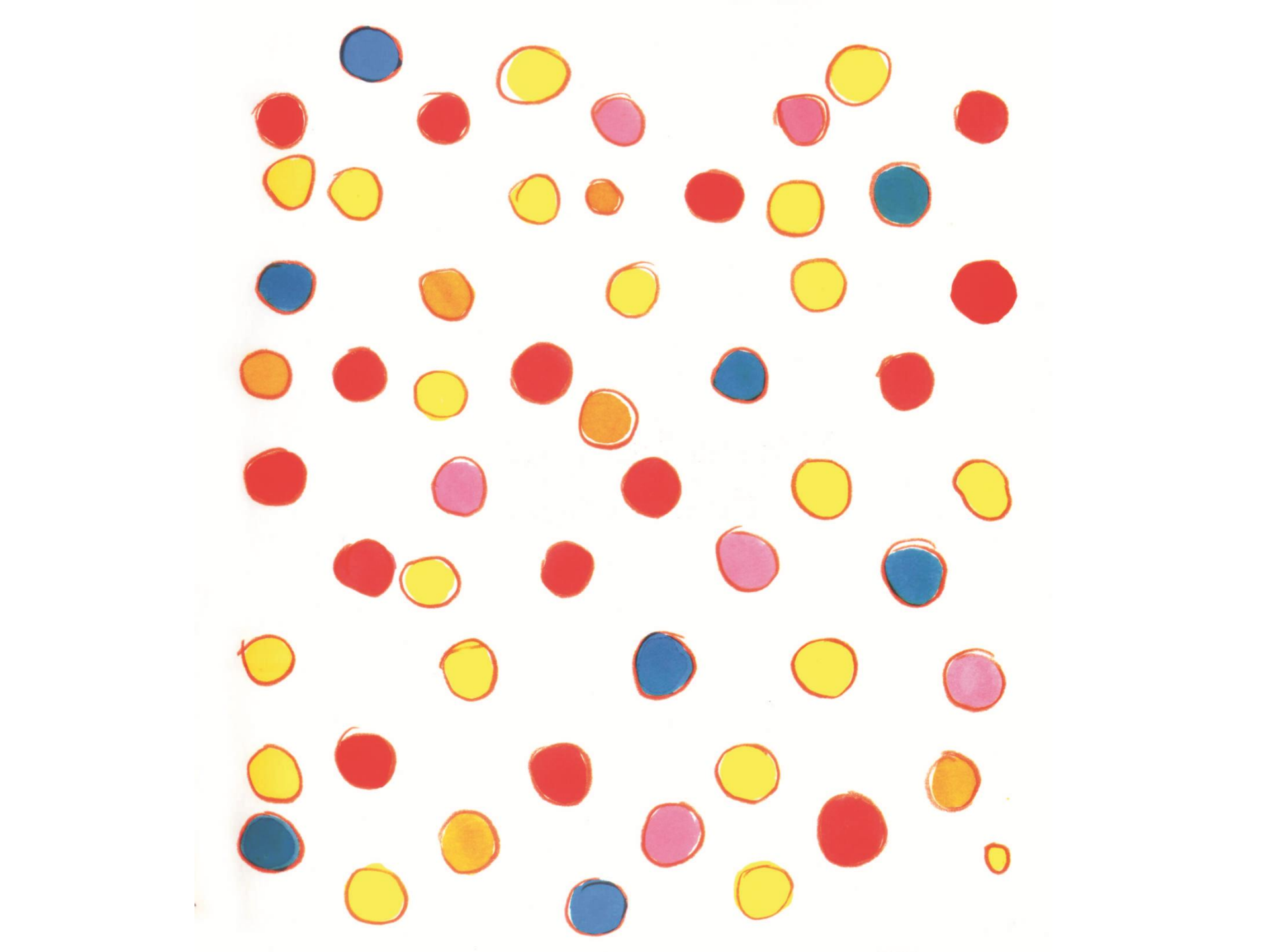
Nem azul…



Nem sequer amarela…



Ou com bolinhas…



Mateus é um menino de cor negra.





Mateus é negro como a noite. E escuro como o mistério.

Mateus tem a pele tostada,
cor de azeviche e de ameixa,
e é por isso que no seu rosto
resplandecem as duas luas
dos seus olhos, pequenos
faróis que lhe iluminam o
sorriso claro.



Mateus gosta do som das palavras que a sua mãe usa para chamá-lo.

Azeviche.

- Que coisa é azeviche, mamã?
- O azeviche, Mateus, é um mineral especial, de uma tonalidade de preto tão bonita que se utiliza para fazer jóias.
- Aaaaaaaaaaaaah!

Mateus gosta que a mãe o compare com esse carvãozinho.



E ameixa.

- E também és uma pequena ameixa – sussurra-lhe a mamã . - Como as da ameixoeira da quinta da tia Margarida, que todos os verões nos oferece deliciosas ameixas negras.

Mateus sorri por ser parecido com esse fruto redondo, saborosa ameixa morena…

- E de certeza que também gostarás de saber, Mateus, que o azeviche é um pássaro pequeno, com o corpo cinzento e a cabeça e as asas negras…
- Um pássaro!

Que sorte tem Mateus por se parecer com um pássaro.



Mateus tem uma mamã que lhe canta canções de embalar e lhe conta histórias, como a história da sua vida, que ele escuta prestando muita atenção.

- Sabes, Mateus?

E a voz da mamã de Mateus fica suaaaaave, para contar:

- Tu nasceste numa ilha distante das Caraíbas. Uma ilha bonita, onde a vegetação transborda das montanhas e os coqueiros se aproximam da praia para acariciar a água cristalina.



- Lá, Mateus – continua ela, repetindo o seu nome, enquanto o abraça -, os homens e as mulheres têm pele da cor da canela e caminham como se dançassem entre as bananeiras, o cacau e a doce cana de açúcar.



À noite costumam cantar canções nostálgicas para que o vulcão e o furacão sejam bons; para que durmam tranquilos o papagaio, a tartaruga e o caimão…

Quando for grande, sonha Mateus, irá navegando na sua canoa, até chegar à longínqua ilha e trepará às árvores mais altas para deslizar depois até à praia como se descesse por um escorrega. De certeza que ali, entre animais selvagens e perigosas plantas carnívoras, viverá mil aventuras com final feliz e, se calhar, até poderá travar amizade com um macaco, como o Tarzan.







Mateus já o sabe.
Aquela senhora da ilha não podia cuidar dele.
- Ela, que também te amava muito, pediu-me que eu cuidasse de ti – diz-lhe a sua mãezinha branca -, e é por isso que agora eu sou a tua mamã.
O menino quer ouvir mais.
- Oh, Mateus, aquele foi um grande dia para mim. Não imaginas a emoção enorme que senti quando te conheci e te peguei ao colo. Estava tão contente por seres meu filho, Mateus, que desatei a chorar de felicidade. Nunca tinha visto um bebé tão bonito como tu!

E Mateus, que adora que a sua mãezinha branca o aconchegue e lhe diga todas as palavras que ele já sabe da história da sua vida, deixa-se embalar pelo doce murmúrio, como se essa voz fosse o vento morno que faz mexer as papoilas e o trigo ou um passarinho que tem o ninho no mais fundo do seu coração.





O menino
é adotado, não é?

- E é assim que és meu filho, agora e para sempre. Que te parece?
- Bem!
Mateus acha ótimo.

Sim, Mateus já sabe que é uma criança adotada.
Mas quando sobem no elevador, não gosta de ouvir o vizinho do terceiro andar dizer:

Naturalmente que Mateus é adotado.
Por isso mesmo é que Mateus, o próprio, adora explicar isso aos seus colegas de turma, fazendo-se interessante:
-Eu não sou biológico, sou um menino adotado.
Todos o olham com olhos espantados, olhos de meninos brancos que não se parecem com as luas cheias que Mateus tem a brilhar na cara.
- Puxa! Que sorte! – exclamam admirados.





Outras vezes, Mateus não se conforma, e então brinca. Mateus brinca que é um menino que nasceu de um ovo redondinho. Assim, bem enrolado, encolhidinho, tapa-se com o roupão.

Toc, toc,toc! Cataplof!

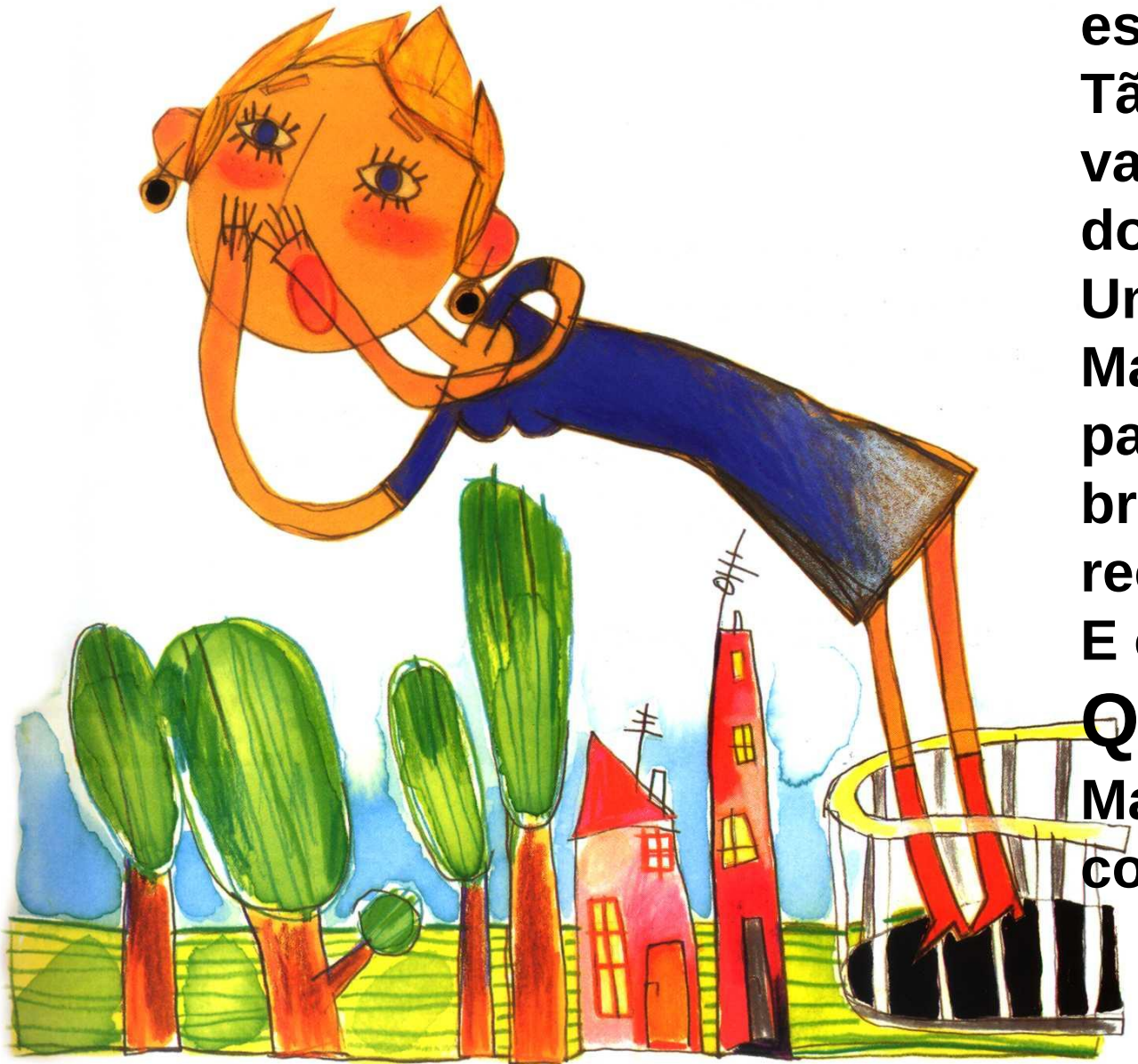
Agora sairá da casca branca para surpreender a mãe.

- Olá!, sou eu mamã, sou o teu próprio filho, vês?, nasci…

A mãe da cor da rosa e do nácar beija-o e abraça-o.

- Mateus, meu filho.

A sua mamã é tão clara…



Mateus anda numa escola perto de casa.
Tão perto, que da varanda se vê o pátio do recreio.
Um dia a mamã do Mateus foi à varanda para ver o seu filho a brincar na hora do recreio.
E o que é que ela vê?

Que horror!

Mateus está a lutar com outras crianças.

A mãe sabe que não se deve lutar, mas espera que Mateus volte da escola, e espera que Mateus lanche, e espera que Mateus brinque, e espera que Mateus jante e espera que Mateus se lave e se deite.

E quando Mateus está quentinho entre os lençóis e depois de lhe ter lido uma bonita história, a mamã diz-lhe:

- Hoje, daqui da varanda de casa, vi-te no recreio a brigar com os teus amigos. Isso não se deve fazer e quero saber o que se passou…

- Nada.

- Lutavas por nada, Mateus?

- Sim, por nada – respondeu teimosamente. O pequenino, que não quer contar que o Óscar e o Jaime lhe chamaram preto.

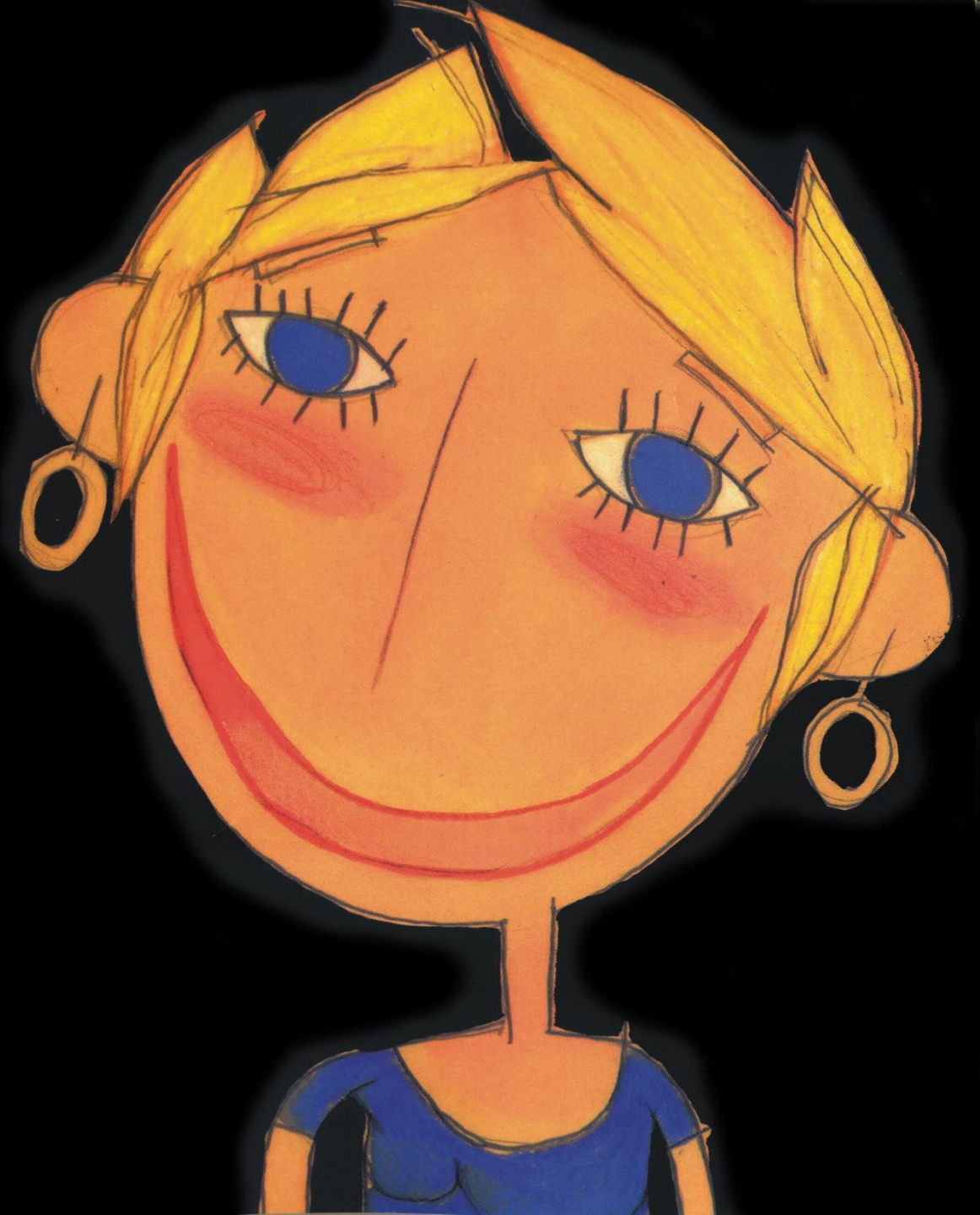
Por isso Mateus tem que ouvir tudo o que a sua mamã continua a dizer:

- Sabes que lutar é uma grande estupidez, porque no fim todos se magoam. Além de que ser negro não é uma coisa má – continua a mãe, adivinhando-lhe as razões – pelo contrário, só tens que explicar-lhes que ser diferente é bonito.



Realmente Mateus não se aborrece ao ouvir aquele sermão da mamã, bla, bla, bla, bla, sobre os empurrões e a violência, e como é feio zangar-se com os amigos, quando era bem melhor fazer cócegas nos pés ou jogar à bola, em vez de andar a puxar os cabelos com aqueles modos.

Que bonita é a sua mamã, pena Mateus enquanto a observa embevecido e escuta com atenção o sermão. Embora o repreenda, nunca deixa de ser como um plácido entardecer nas margens de um rio, como um passeio de barco pelo mar, nas férias, ou até como um gelado de dois sabores, de morango e de pistacho.



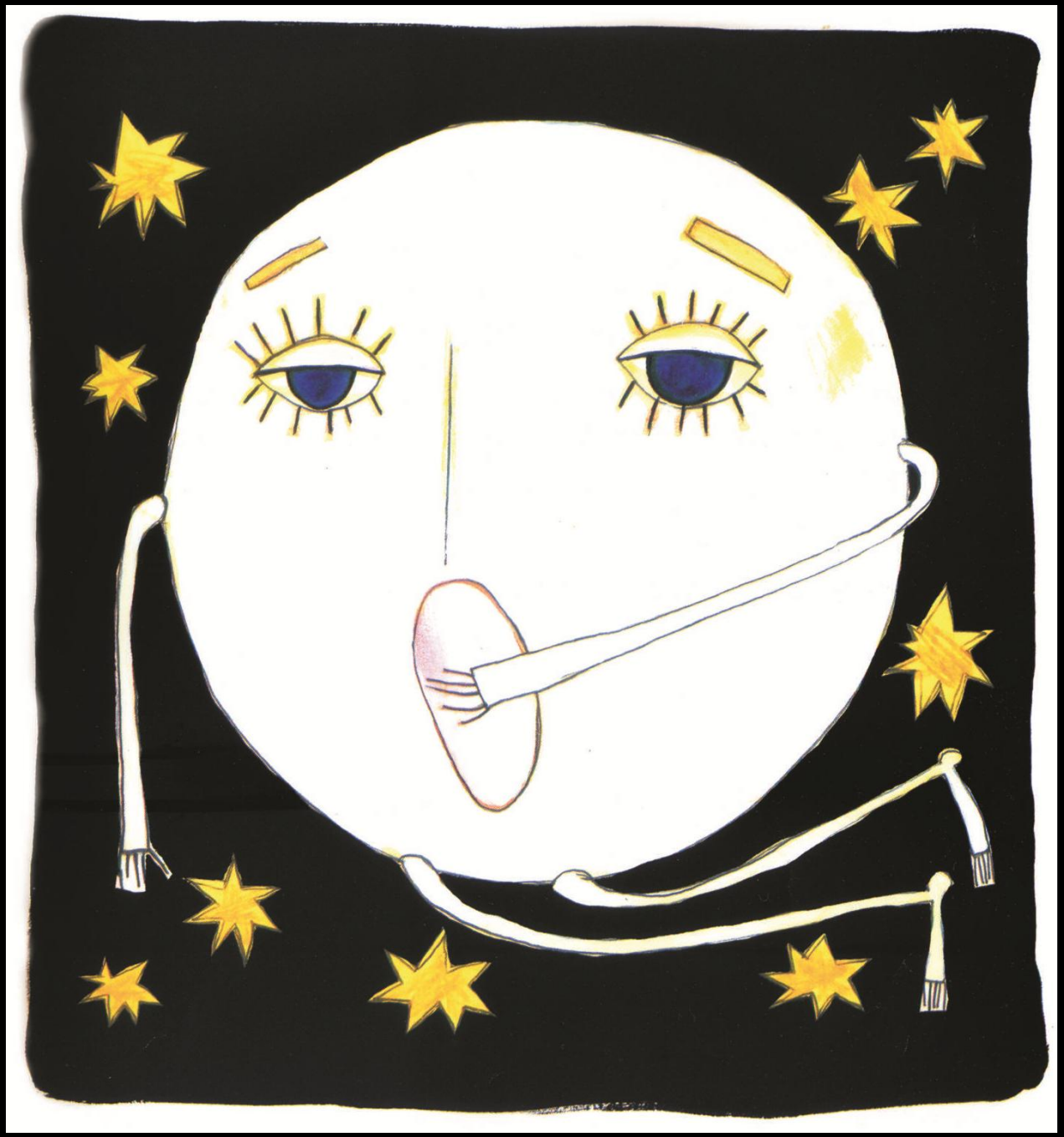
Mateus decide que nunca mais voltará a lutar: nem com o Óscar nem com o Jaime, nem com ninguém. E, da próxima vez, dirá simplesmente:

- O meu nome é Mateus, e não gosto quando vocês me chamam preto. Sou preto porque sou de outro país.

Para que saibam.

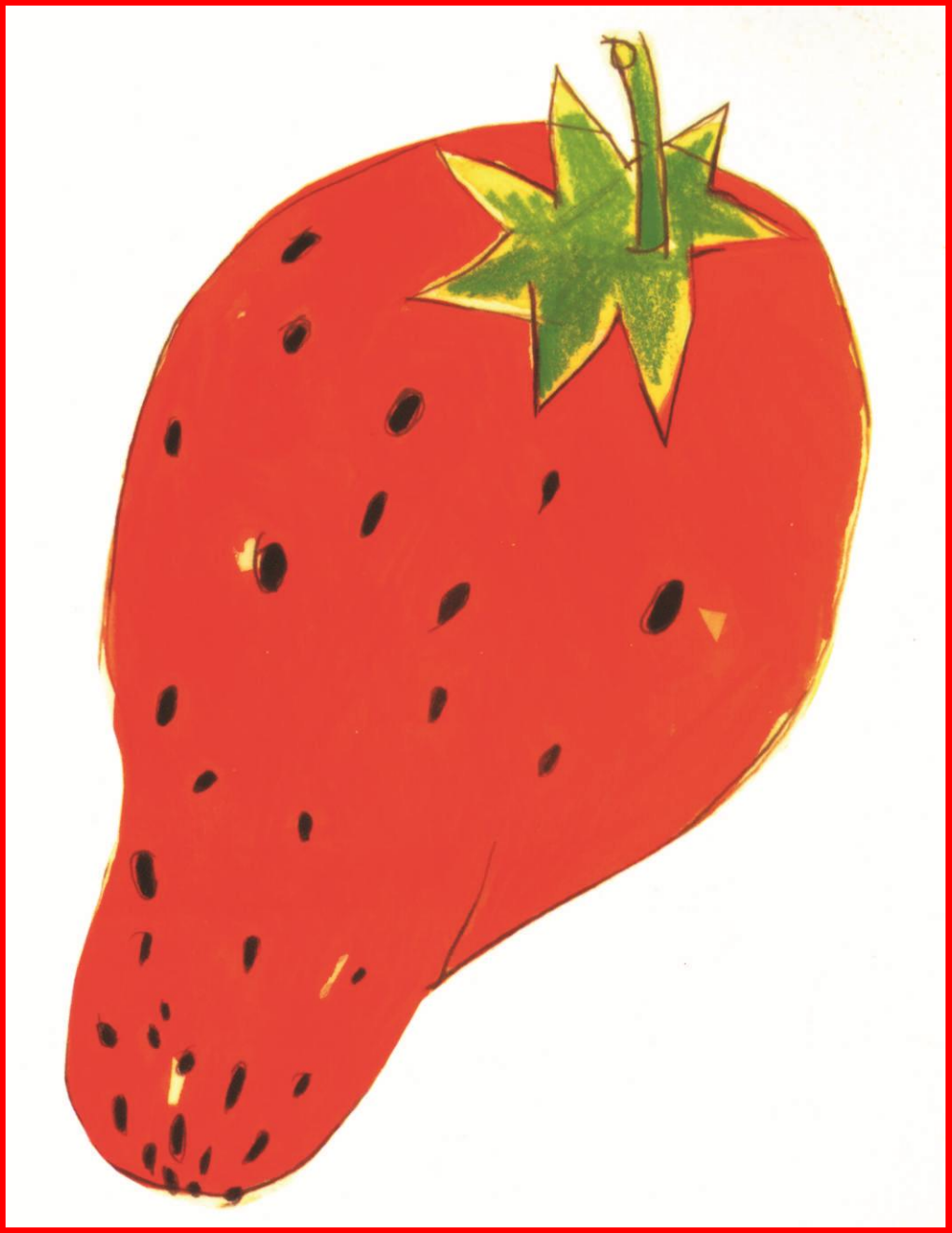
Para que fiquem a saber.

E Mateus, que é um menino com a pele da cor da noite, das ameixas e dos pássaros…





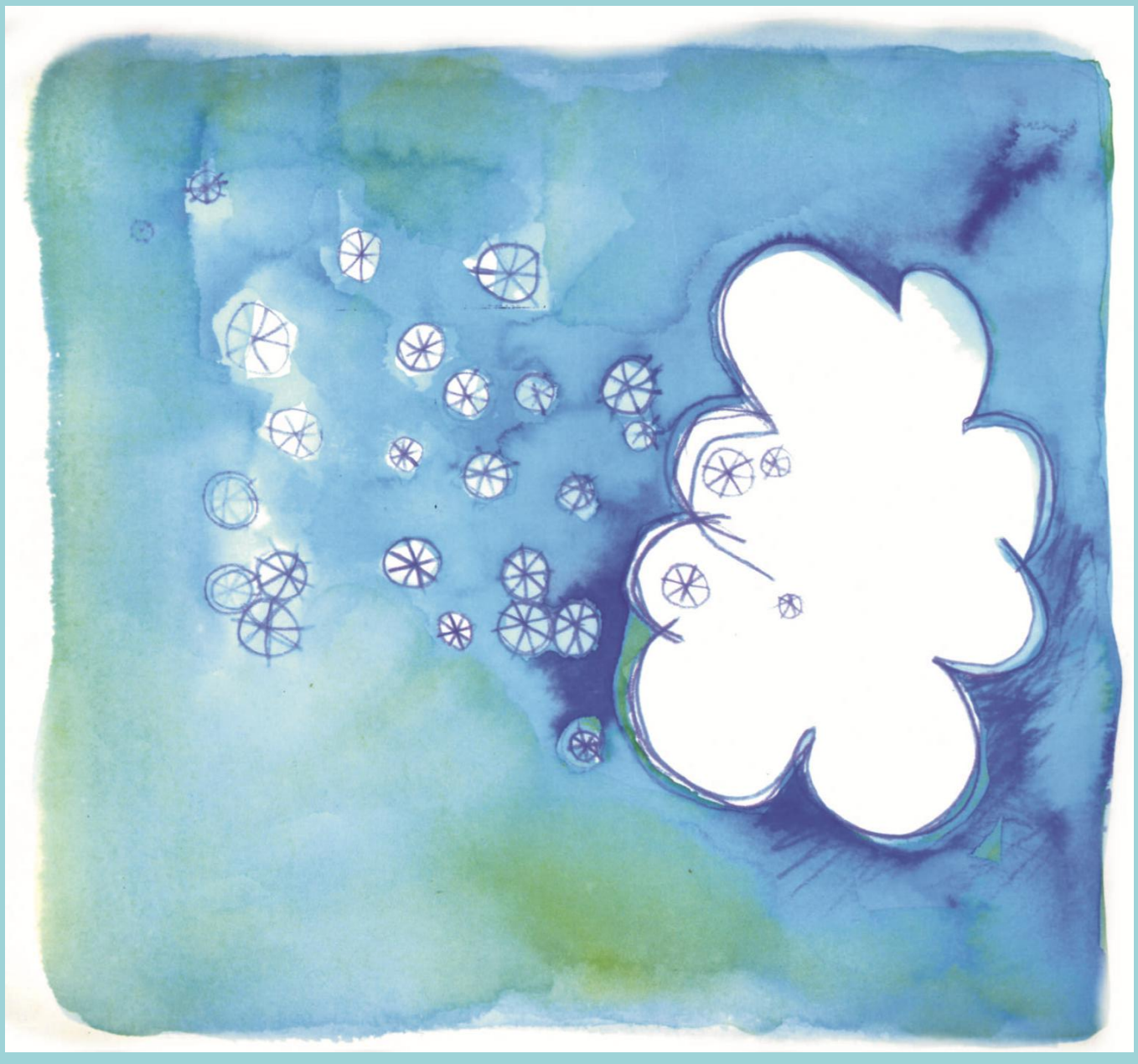
… sorri para a mãe com uma boca cheia de dentes tão brancos, que na sua cara alegre se desenha meia lua cor de amora. E a sua mamã, esta mamã tão próxima e tão sua, que Mateus tem aqui junto a si para tratar dele e o amar, embora não seja negra…



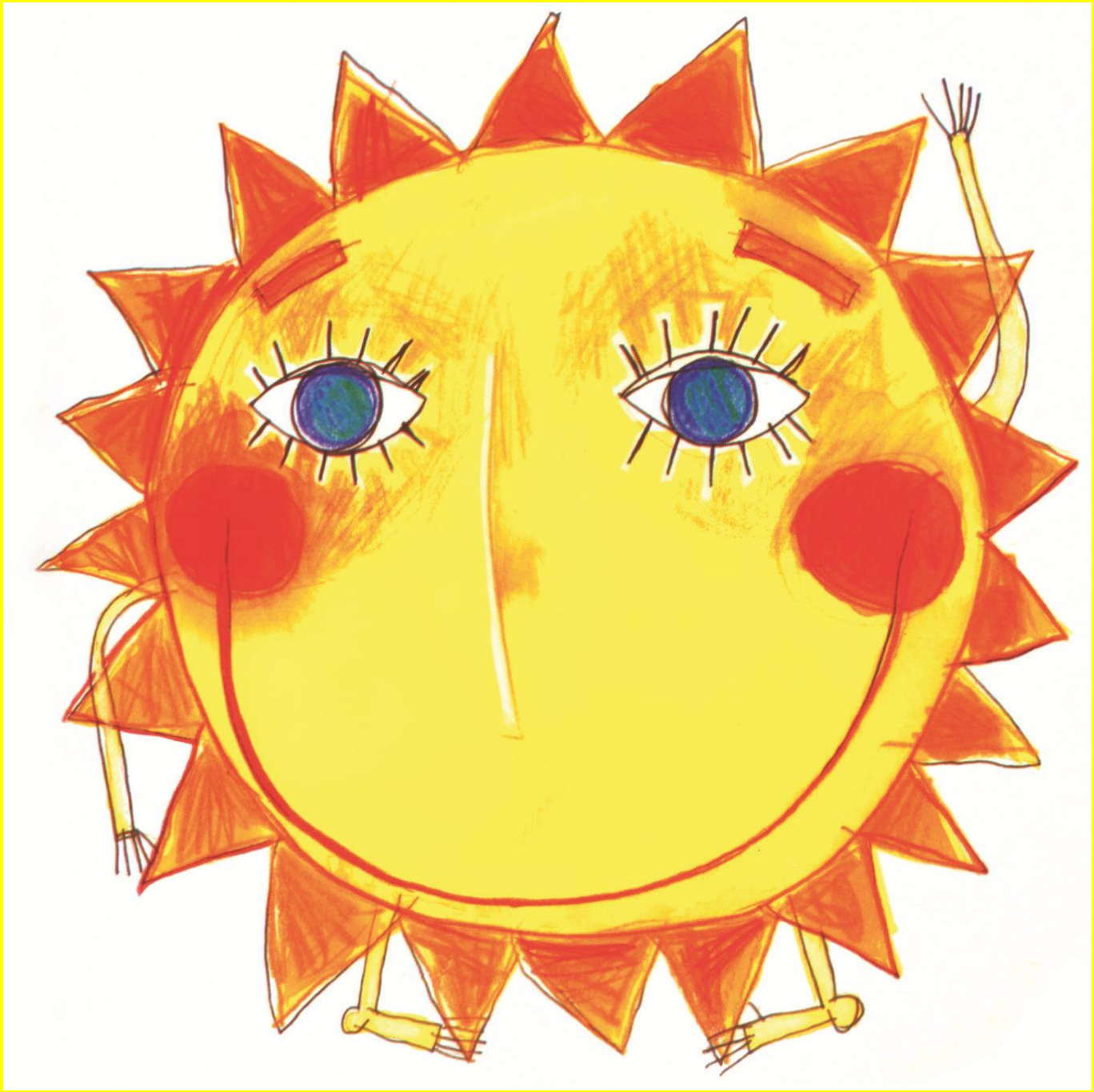
Nem vermelha...



Nem verde...



Nem azul…



Nem amarela...

… esta mamã que, quando apanha sol é capaz de se queimar ou ficar morena, abraça-o e diz-lhe:

- Mateus, filho, amo-te tanto!

- Quanto, mamã?





- Do tamanho de todas as cores, Mateus!

FIM

As cores de Mateus

Texto de Marisa López Soria
Ilustrações de Katarzyna Rogowicz
Everest Editora

Trabalho realizado por Carlos Samina, no âmbito do projecto Romeus e Julietas/Educação Sexual

Ano Lectivo 2010/2011 - Fevereiro